



Câmeras na mão, ideias na cabeça, adolescentes em cena¹

Ilka Margot GOLDSCHMIDT²

Mariângela TORRESCASANA³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

Resumo

“Documentário e Comunidade: Uma história que vai virar filme” é um dos projetos pertencentes ao Núcleo de Extensão em Comunicação da Unochapecó. Tem como objetivo incentivar a comunidade de Chapecó a trabalhar com mídia cidadã, mais especificamente com a produção de documentários, criando uma maneira própria de refletir e comunicar a realidade em que vive. O Projeto existe há cinco anos e tem a intenção de tornar o cidadão um autor e um sujeito de sua própria história, provocando, através dos filmes, a discussão sobre questões do seu cotidiano. Busca-se uma comunicação livre de estereótipos e que mostre a realidade através dos olhos de quem a vive.

Palavras-chave: mídia cidadã; documentário; comunidade; audiovisual

1. Introdução

O projeto de extensão “Documentário e Comunidade” proporciona à comunidade envolvida outro olhar sobre a informação que é veiculada na mídia convencional, possibilitando a produção de mídias cidadãs, gerando reflexões sobre temas do cotidiano. Ao discutir a mídia audiovisual e como seus espaços são utilizados pela indústria cultural, o projeto contribui para estabelecer novas relações entre público e mídia, entre jornalistas e público. Ao provocar a comunidade a documentar o cotidiano, a se retratar através da produção do audiovisual, esse projeto também possibilita a

¹Trabalho apresentado no DT04 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012

² Mestre em Comunicação Social. Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó, coordenadora do projeto Documentário e Comunidade – uma história que vai virar filme e do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã, e-mail: Ilka@unochapeco.edu.br

³ Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Santa Maria; Professora do Curso de Comunicação Social da UNOCHAPECÓ; Coordenadora do Núcleo de Extensão em Comunicação. Pesquisadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: mariangela@unochapeco.edu.br



construção de novas concepções sobre o que significa mostrar ou relatar a realidade, sobre o que envolve o processo de exposição midiática.

Cicília Peruzzo (2007), importante referência no estudo da mídia cidadã no Brasil e na América Latina, defende que a discussão da comunicação no âmbito popular, comunitário, é um direito do cidadão. Segundo a autora, se antes a mídia comunitária era apenas um instrumento para os movimentos sociais que lutavam pelo reconhecimento dos direitos do indivíduo, hoje seu acesso é concebido como o próprio direito à cidadania. Aline Maia (2008) concorda com Peruzzo e ainda acrescenta que discutir cidadania, informação e direito à comunicação é questão que salta aos nossos olhos na atualidade, já que é cada vez mais intensa a presença da mídia na sociedade. “Se quisermos ver-nos representados é preciso que nos seja concedida – ou, que assumamos - a função de agentes na produção comunicacional.” (MAIA, 2008, p.11)

O projeto Documentário e Comunidade faz parte do Núcleo de Extensão em Comunicação da Unochapecó, que está embasado no conceito de Mídia Cidadã, um conceito ainda recente, mas que aponta para a construção de espaços alternativos de comunicação, onde todos têm voz, vez e onde os meios de comunicação são feitos com e não apenas para o público. A proposta do projeto é possibilitar aos moradores de bairros do município de Chapecó, o acesso às ferramentas e ao conhecimento técnico para a produção de documentários.

Os temas dos documentários surgem de inquietações da comunidade que é provocada a pensar o seu dia a dia. Com essa vivência os alunos do Curso de Jornalismo passam a ter perspectivas mais autênticas sobre o que é de interesse público e quem é o público para o qual a imprensa trabalha, ao mesmo tempo, a ideia de que a comunidade conte e registre em áudio e vídeo o seu cotidiano, a torna autônoma e fortalece o conceito de coletividade, de um coletivo em busca de mais espaço e reconhecimento.

Nos últimos dois anos o projeto trabalhou com dois grupos de adolescentes do Bairro Efapi, mas as atividades iniciaram em 2007, no bairro São Pedro, ambos localizados no município de Chapecó (SC). Até o início de 2010 foram promovidas mostras de documentários produzidos pelo curso de jornalismo no Salão Paroquial do Bairro, no auditório da Escola Parque e nas escolas localizadas na região do bairro São Pedro. As exibições eram seguidas de debates e discussões sobre o processo de elaboração dos vídeos e sobre as temáticas abordadas. Os moradores envolvidos diretamente com o projeto na organização e divulgação das mostras, passaram a integrar a equipe de produção audiovisual.



Com a comunidade do São Pedro foram produzidos três documentários: “São Pedro Diário” - o Bairro São Pedro apresentado pelos próprios moradores, a história do bairro, o cotidiano, os problemas, o preconceito, os projetos sociais; “Com as próprias mãos” - o cotidiano dos talentos do bairro, pessoas que se dedicam a fazer o que gostam e a vencer desafios. Ao abordar questões de preconceito, dificuldades e coletividade existente entre os grupos, desmitifica-se a idéia de que talento é algo extraordinário que somente poucas pessoas possuem; “As veias abertas do Bairro São Pedro” - os problemas enfrentados pelos moradores com o frequente transbordamento do rio, provocado pelo lixo e pela inexistência de saneamento básico no bairro, materializam uma história de exclusão social, de descaso por parte do poder público e de preconceito.

Durante sua permanência no São Pedro, o projeto também promoveu uma rádio ao vivo na rua central do Bairro, participou de eventos em escolas, promovidos pelos adolescentes que participavam do projeto, levou os moradores para eventos focados em cinema e comunicação, promoveu mostras em outras localidades, como em uma comunidade rural. A troca foi constante e autêntica. Uma vivência de extensão universitária na sua perspectiva mais próxima possível da idealizada por Paulo Freire:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.” (FREIRE, 2006, p.25)

Exemplo disso é a fala de uma das participantes do projeto, Rosalina Bernardo, 37 anos, registrada no relatório da pesquisa “Sujeito no Olhar” (Goldschmidt, 2009). Ela disse que sua vida melhorou com a participação no projeto, “pois aprendemos coisas novas e conhecemos novas pessoas”. Ela concluiu que o que a fazia participar ativamente do projeto eram “os encontros, a divisão dos trabalhos, a convivência com o grupo. A gente é praticamente uma família”.



2. Adolescentes do Bairro Efapi produzem documentários

Após uma avaliação do projeto foi decidido que era preciso trocar de bairro para que mais pessoas pudessem ter acesso às mostras de filmes e à produção de documentários. Devido a proximidade com a Unochapecó e à existência de um projeto experimental em mídia cidadã na Escola Tancredo Neves, fatores que facilitariam a aproximação com a comunidade, os integrantes do projeto iniciaram o trabalho de reconhecimento do Bairro Efapi, seus loteamentos, suas escolas e suas associações de moradores.

Segundo a “Pesquisa para intervenção no bairro Efapi”, de Jocenei Franciso Ramos (2007), do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unochapecó, o Bairro Efapi é composto por pessoas de baixa renda, que sobrevivem do trabalho nas agroindústrias concentradas na região, além dos mais variados comércios e outras atividades, como a coleta de material reciclável. Os principais fatores de crescimento do bairro Efapi são: a instalação de agroindústrias de maior porte e a instalação de uma Universidade, o que atraiu inúmeras pessoas, de diferentes culturas.

O último Censo realizado pelo IBGE registrou mais de 27 mil habitantes no bairro. Mesmo o bairro apresentando um considerável número de habitantes, a pesquisa de Ramos indica que a infra-estrutura é bastante precária, exceto no caso de energia elétrica e água que atinge 100% da população. Em relação à pavimentação, 43% das ruas não são pavimentadas. Segundo o IBGE, funcionam no bairro 16 escolas, mas apenas a EEB Tancredo de Almeida Neves oferece ensino médio.

Depois de vários encontros e outras tantas tentativas foram formados dois grupos de adolescentes: um com alunos da Escola Tancredo Neves e outro com moradores do Loteamento Colina do Sol. A Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves conta com aproximadamente 1.100 alunos, oferecendo 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O loteamento Colina do Sol é um dos menores do Bairro Efapi, possui apenas quatro ruas. Os moradores do loteamento relatam que o local teve início na década de 80, quando a prefeitura de Chapecó sorteou 200 casas populares. Hoje, a população é composta, na sua maioria, por trabalhadores das agroindústrias (Sadia e Aurora) e por estudantes da Unochapecó. O loteamento não possui uma escola e nenhuma creche, mas tem um ginásio que também funciona como Sede da Associação Comunitária do Colina do Sol.



Hoje, é possível dizer que os adolescentes que participam do projeto sentem-se particularmente atraídos pela produção audiovisual – filmar, entrevistar, editar. Eles têm acesso às novas tecnologias e gostam da possibilidade de usá-las. Para a produção audiovisual os moradores participam de oficinas de roteiro, de câmera e de edição. Os materiais utilizados, como computadores, câmeras de vídeo, microfone, luz, equipamento de edição, são do Laboratório de TV e de Cinema da Unochapecó através de uma parceria com Área de Ciências Sociais Aplicadas e seus respectivos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e de Produção Audiovisual.

Os bolsistas, sob a orientação de professores, se preparam pesquisando assuntos e metodologias de trabalho para atuar com esses jovens, com o objetivo de provocar um olhar reflexivo e ativo sobre a sua realidade. Assim como os adolescentes passam a ter acesso à informações, conceitos, discussões e ferramentas de comunicação até então desconhecidas, os acadêmicos que trabalham com o projeto também conhecem um mundo diferente, pesquisam sobre, capacitam-se para capacitar. É um trabalho que tem resultados a longo prazo, mas que já demonstra sua importância, como relata um dos bolsistas, aluno de jornalismo, ao avaliar as atividades:

Os moradores que participam e os bolsistas desenvolvem aptidões básicas e outras que garantem um diferencial no resultado dos trabalhos realizados. As atividades planejadas, realizadas e avaliadas coletivamente contribuem para o senso crítico. Os participantes têm a oportunidade de perceber que, muito além de receptores de informações, eles podem ser agentes pró-ativos e transformadores que contribuem para o desenvolvimento da sociedade. Outro ponto é a oportunidade que os jovens que participam têm em trabalhar com esses projetos. Futuramente podem ser profissionais da comunicação e, mesmo não sendo, terão um olhar diferente em relação à realidade à sua volta”. (Vinícius Antonio Ranzan – aluno do 3º período do Curso de Jornalismo em depoimento sobre sua participação como bolsista no Núcleo de Extensão em Comunicação – dez 2010).

A escolha do documentário como ferramenta de mídia cidadã, deve-se ao fato de que o gênero possibilita diferentes intervenções estéticas e conceituais. O documentário é o registro de histórias, de fatos, de dados, mas com uma característica muito importante, que o diferencia da reportagem tradicional: o caráter autoral. Admite-se, ou



melhor, exige-se no documentário o argumento, ou seja, o diretor/documentarista deve deixar claro qual a sua intenção com o filme/vídeo e trabalhar nesta perspectiva, selecionando as realidades que quer mostrar numa relação franca e honesta com o espectador.

O professor de cinema na San Francisco State University, Bill Nichols (2005), define bem essa situação. Para ele os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico, significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Segundo Nichols os aspectos da representação variam de filme para filme, mas a idéia de representação é fundamental para o documentário.

Além do aspecto conceitual, há o procedimental que permite ao diretor/documentarista a liberdade para experimentações do ponto de vista da estética. Não há normas, padrões a serem obedecidos na produção de um documentário, se na reportagem o jornalista é o narrador, mediador, no documentário os personagens reais assumem parte do compromisso de narrar sua história. O tratamento estético é outro, o que possibilita ao documentário ser reflexivo, participativo, observativo, performático, poético, ao mesmo tempo que é parte do real. No Brasil, os documentários contemporâneos têm sido responsáveis por contar e recontar a história e o cotidiano sob diferentes olhares, a partir de atores sociais, a maioria das vezes protagonistas, que na mídia tradicional e na história oficial passam despercebidos.

A escolha do tema do documentário a ser produzido pelos grupos passa por um processo lento, que implica, primeiro, em uma aproximação entre os adolescentes e os bolsistas e professores do núcleo de extensão. O projeto trabalha com o planejamento dos encontros, mas os temas, assim como as atividades surgem de propostas e idéias do grupo, o compromisso do projeto é construir com a comunidade e não apresentar desafios, metas e metodologias prontas. Por esse motivo, nem sempre as atividades acontecem no tempo previsto. Neste processo de “reconhecimento” foram promovidas mostras de documentários na Escola Tancredo Neves e no ginásio da Associação de Moradores do Colina do Sol. Nestes momentos também participaram os ex-integrantes do projeto, moradores do Bairro São Pedro, que estiveram presentes para apresentar seus vídeos.



É também objetivo do “Documentário e Comunidade” criar espaços alternativos para a exibição de produções audiovisuais que não encontram lugar no circuito comercial de cinema e de televisão. Entende-se que assim é possível contribuir para a formação de um público mais consciente, crítico, que poderá perceber a importância da exibição de conteúdos comprometidos com a realidade e com o conhecimento. O interessante deste desafio é que em espaços alternativos é possível possibilitar não apenas a mostra do filme, mas a sua discussão. Esses momentos foram muito importantes também para que o grupo conhecesse mais sobre o gênero documentário, já que os produtores se fizeram presentes e falara sobre o processo de produção.

Em um dos grupos do Bairro Efapi, cujos adolescentes freqüentam a Escola Tancredo de Almeida Neves, os participantes pensaram em abordar temas como o consumo de drogas no bairro, apontando saídas para os jovens através da música e esportes. Com o intuito de contribuir com a discussão sobre a temática e também possibilitar a análise de um documentário de repercussão nacional, foi mostrado ao grupo o filme de João Moreira Salles, “Notícias de uma guerra particular”. O documentário, lançado em 1999, tem como cenário o Rio de Janeiro e os personagens são policiais, traficantes e moradores de favelas que se vêem envolvidos numa guerra diária em torno do tráfico de drogas, é um documentário sobre a violência urbana no Brasil. O filme suscitou muitas discussões a partir das aproximações com a realidade do bairro. Entusiasmados os participantes decidiram produzir um documentário sobre as “equipes” que existem na escola e no bairro.

Equipes são grupos, basicamente de adolescentes, que se reúnem por terem algo em comum. O objetivo do documentário é, principalmente, entender o motivo da reunião dessas pessoas e, também, desmistificar a visão da população local sobre esses grupos (violências, festas, drogas). Durante a fase de captação, os participantes do projeto entrevistam equipes e integrantes delas, segundo eles, há, somente no Bairro Efapi, cerca de 30 equipes de adolescentes. Enquanto produzem o documentário, o grupo assiste filmes e participa de outras atividades que tem por objetivo subsidiar a produção.

Neste sentido foi exibido o filme “A Onda”, uma história baseada em fatos reais sobre um professor de ensino médio que faz um “experimento” com alunos do ensino médio com o objetivo explicar na prática os mecanismos do fascismo e do poder. O professor se auto-denomina o líder daquele grupo, escolhe o lema “força pela disciplina” e dá ao movimento o nome de A Onda. Em pouco tempo, os alunos



começam a propagar o poder da unidade e ameaçar os outros. Após o filme os adolescentes conversaram com uma professora de antropologia sobre a formação de grupos e a importância do questionamento.

Ainda em relação às “equipes” os participantes do projeto participaram de uma oficina de roteiro e produziram um curta de ficção sobre o tema. Na oficina eles foram provocados a elaborar um roteiro de ficção com a abordagem que quisessem sobre o tema “equipes”. Foram formados quatro grupos e ao final escolhidos dois roteiros que transformados em um, apresentaram esta storyline: “Duas equipes caminham em ruas diferentes da cidade, os integrantes, com camisetas distintas, caminham com pedaços de madeira em clima tenso, o cenário é de construções abandonadas com muros pixados, quando se encontram estão na frente de uma parede pixada, eles empunham o que pareciam armas e transformam o local.” Durante a oficina os participantes aprenderam a pensar em cada cena do filme, incluindo enquadramento, sequências, iluminação e cenário.

As gravações do vídeo foram feitas dia 26 de março de 2011, na rua ao lado da Escola Tancredo Neves. Os participantes convidaram outros alunos da escola e moradores do bairro para participarem como atores. A ideia da produção era fazer com que os integrantes do projeto entendessem sobre roteiro, direção, filmagem, produção e edição, além de pensarem no assunto que estão trabalhando no documentário. Como resultado, o curta “A vida loka dos revoltados que fizeram sua escolha”, um vídeo de três minutos, primeira produção audiovisual do grupo.

Atualmente, o documentário deste grupo está em fase de finalização. Os participantes do projeto já entrevistaram equipes e integrantes delas, colegas que trouxeram dúvidas sobre as equipes, professores e a diretora da escola expondo suas opiniões em relação ao assunto. Depois de gravar as entrevistas, os participantes aprenderam a decupá-las, anotando o que acontece em cada minuto das fitas. A intenção da decupagem é facilitar a montagem do roteiro e, posteriormente, a edição. Assim que estiver finalizado, os participantes exibirão o documentário para a comunidade, gerando também uma discussão sobre o processo e o tema com os moradores.

No outro grupo, pertencente ao loteamento Colina do Sol também no Bairro Efapi, a ideia foi mostrar um dos principais problemas do bairro, o lixo. O tema, proposto pelos participantes, surgiu após discussão do grupo, quando os adolescentes apontaram que na rua em que moram há muito lixo espalhado. O tema ganhou foco



quando foi decidido falar especificamente da reciclagem e do uso consciente dos produtos.

Foram entrevistados, além dos moradores do bairro, fontes do governo municipal e mercados locais. Após o término das gravações o grupo participou de uma oficina de roteiro para documentário. O objetivo foi provocá-los quanto a elaboração de um roteiro para a edição do vídeo, já que as entrevistas já haviam sido decupadas. O documentário foi finalizado no segundo semestre de 2011. Depois, foi apresentado à comunidade em um evento promovido pelo grupo que falou do processo de produção e provocou a discussão entre os moradores sobre a situação do lixo nas ruas do Loteamento Colina do Sol.

3. Considerações finais

No momento de refletir sobre o projeto, é importante resgatar dois autores. Néstor Canclini (1997), quando afirma estar ocorrendo, quanto à apropriação da cultura, uma verdadeira revanche cultural pelas mãos dos próprios usuários e receptores dos meios, o que faz com que essas práticas sejam verdadeiros diamantes para a localidade. E, Ricardo de Freitas que a partir de estudos sobre produção e recepção de produtos audiovisuais periféricos, provoca:

Se a produção de vídeo sobre a periferia quebra a universalidade de códigos, que no caso brasileiro parecem estar erigidos sobre uma produção que representa a periferia a partir de um modelo de caos metropolitano como tido e visto no eixo centro-sul do país, os vídeos autóctones, produzidos pela própria periferia, parecem significar uma “nova estética de periferia”, que, se não fogem tão radicalmente dos moldes predefinidos pela produção hegemônica, contribuem para a destituição da carga de dominação presente na produção hegemônica, reelaborando novas esferas de dominância e preferência. Afinal, seus produtores, até então tidos como receptores passivos, elaboram a codificação a partir de uma longa experiência com a decodificação da mensagem. (FREITAS. 2008, p.14)

O trabalho proposto pelo projeto não é apenas produzir um documentário, ou ensinar pessoas a “segurar uma câmera” e entrevistar, mas sim gerar discussões para



fomentar o senso crítico dessa população. Os adolescentes conseguem perceber os problemas que o cercam e estão procurando, através do documentário, falar com os demais moradores sobre esses assuntos, tentando entender e conscientizar as pessoas, para que de alguma forma gere mudança.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ/NESC, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Da margem ao centro: comunicação e arte frente às questões de produção e recepção em produtos audiovisuais periféricos**, in Anais Congresso Nacional Intercom, Natal, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PAIVA, Raquel. **Espirito Comum**: comunidade, mídia, globalismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Direito a comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Revista Lumina, Juiz de Fora, Vol. 1, 2007

SILVA, Rogério Pereira da. **Mídia Cidadã, Mídia Democrática**. Mapa da Mídia Cidadã, Brasil, séc. XXI (http://www2.metodista.br/unesco/agora/mapa_midia_cidada_rogerio.pdf)

